



Dos barcos de pesca já não sai só peixe. Há lixo a voltar para terra

Nas primeiras vezes que o mestre António Coentrão trouxe lixo para terra, recebeu olhares de soslaio. Hoje, já não está sozinho nessa missão. A Universidade do Porto está a trabalhar com vários portos para combater as redes-fantasma

Ambiente
Sara Viana

O relógio aponta 8h30, mas o dia já vai longo no porto de pesca de Matosinhos, no Porto. Há peixe a ser descarregado, redes a serem limpas, barcos a partir e outros a chegar. A maré baixa desta sexta-feira, influência da super-Lua da noite anterior, põe a descoberto o lodo dos três cais. Ao mesmo tempo, permite que as embarcações atracadas não oscilem entre os movimentos de sobe e desce dos pescadores que, em sacos de plásticos colocados em pilhas junto à berna do cais ou nos contentores próprios, vão devolvendo à terra o lixo que foi, ou poderia ter sido, deitado ao mar. O cenário pode não ser digno de fotografia, mas dá o alerta: há uma mudança na postura dos pescadores face ao lixo marinho. Que pode vir a contar com um apoio tecnológico importante, em desenvolvimento, para retirar das águas as redes que se perdem, e que poluem o oceano.

O tempo incerto trocou-lhe os horários, e a semana de trabalho do mestre da arte do arrasto António Coentrão, de alcunha “Damata”, por herança do pai, atrasou-se um dia. Na terça-feira, ele e os dois tripulantes partiram, na embarcação vermelha e branca baptizada com o nome do velho mestre de Caxinas, o tio *António da Mata*, e com um círculo preto pintado na dianteira (símbolo desta família de pescadores). O destino era Aveiro, zona onde costumam pescar as azevias, “um género de linguado, mas muito mais saboroso”. Volvidos quatro dias, regressam a Matosinhos com o trabalho terminado e duas cargas: uma de peixe, e outra um contentor azul cheio de resíduos.

“Isto é tudo aquilo que nós produzimos a bordo e não deitamos à água ou que vem preso nas redes”, explica. Como quem se orgulha pela acção e se entristece pela realidade do mundo submerso, António remexe no amontoado de copos de iogurte, nas embalagens de fiambre e queijo, nos leites

achocolatados, nas luvas, nas tralhas próprias da actividade e nos pedaços pequenos de sacos de plástico que foram apanhados pela rede e vieram entre os peixes. Com um resíduo de plástico já acastanhado pelo tempo imerso na mão, sugere um exercício de pressuposição inquietante: “Imagine há quantos anos é que isto está no fundo do mar...”

António “Damata” tem 57 anos e conta cerca de quatro décadas dedicadas ao mar. Quando começou a trazer o “lixo para terra” depois de uma semana em alto-mar, os olhares de soslaio dos restantes pescadores alertavam-no para tempos complicados. A saída do porto de pesca de Matosinhos de saco de lixo na mão para o despejar em algum contentor gerava um sentimento de desconfiança naqueles que desconheciam aquela prática. “O chefe da brigada fiscal perguntava sempre: ‘O que é que levavas aí?’ Levavam que levava peixe escondido”, conta o mestre, num tom que mistura a humildade e o entusiasmo por ter “sido dos primeiros [do porto] a trazer o lixo” produzido a bordo da embarcação de pesca, facto dito pelo próprio e confirmado pelos companheiros que se juntam à conversa. Já lá vão “uns 12 ou 13 anos” e António não pára, apesar da persistente estranheza alheia, que, reconhece, “está a mudar”.

“Os pescadores têm feito um trabalho digno de registo.” Palavra de

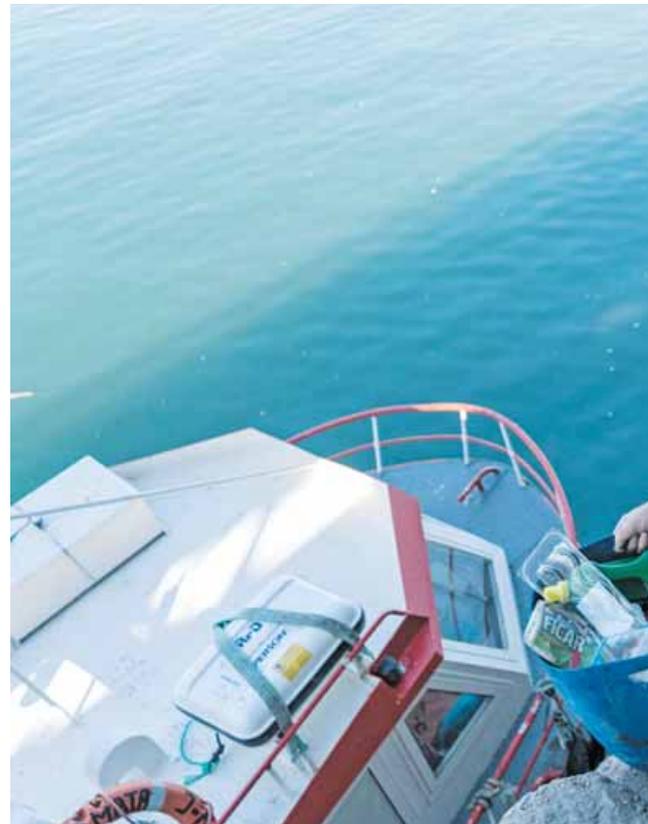
Do mar saem pneus, tubos, carrinhos de compras, bidões, garrafas, cotonetes, preservativos, latas, sacos de plástico, contentores do lixo e redes-fantasma

Israel Pedro, 39 anos, formador de nadadores-salvadores, tripulante da Estação Salva-Vidas de Leixões, mergulhador e pescador “para sempre”, ainda que actualmente só pratique pesca desportiva. “Há cada vez mais pescadores a chegarem ao porto e a colocarem o lixo em cima do cais”, conta. Admite, porém, que a consciencialização para o impacto do lixo marinho não chega a todos. Mas mesmo entre “os resistentes”, a atitude “tem sido quebrada”, nota. As acções de sensibilização, alertas e práticas das associações ligadas a esta actividade, acrescenta, “são óptimas” e ajudam. Ainda que, perante a dimensão do problema, “continuem a ser poucas” as iniciativas.

O porto de pesca de Matosinhos, concessionado à Docapesca, uma empresa do sector empresarial do Estado, tem quatro “pequenos” contentores, distribuídos pelo cais números 1 e 2, para depositar os sacos do lixo que muitas vezes trazem do mar. “Enchem-se rapidamente”, contam ao PÚBLICO os pescadores. Por isso – e juntando o facto “de ainda não haver essa predisposição de andar mais uns metros e depositar em equipamentos maiores fora do porto de pesca” – muitos encostam os sacos aos contentores ou deixam na berna dos cais ao alcance das “gaivotas impiedosas” e sujeitos a que o vento os devolva ao mar.

“Por muita boa vontade que as pessoas tenham, chegam a terra e não há condições”, critica António. Pede, por isso, contentores maiores e alguma intervenção que siga esta linha de mentalidade que se vai moldando aos novos hábitos.

Ao PÚBLICO, Filipe Pedro, da Docapesca, avança que o projecto que a empresa tem em curso, “A pesca por um mar sem lixo”, deverá chegar a Matosinhos até ao final do primeiro semestre deste ano. Com ele virão também equipamentos maiores para o porto. Esta iniciativa permite o fornecimento gratuito de contentores para os pescadores “fazerem a separação dos resíduos que produzem a



“Imagine há quantos anos é que isto está no fundo do mar”, diz António Coentrão, 57 anos

bordo e do que é recolhido nas redes” e aumenta a quantidade de contentores para a deposição desses resíduos em “locais estratégicos”, ou seja, “junto aos cais de descarga e estacionamento das embarcações”.

O projecto, já implementado em sete portos (Peniche, ilha da Culatra, Aveiro, Figueira da Foz, Sesimbra, Setúbal e Póvoa de Varzim), contempla também acções de sensibilização junto da comunidade piscatória para o lixo marinho. Filipe alerta para uma “ideia errada” na sociedade: a de que “a pesca contribui muito” para o problema quando, na verdade, “80% do lixo marinho tem origem na terra”.

Assim, quando Israel – dinamizador de um grupo no Facebook, o Apaixonados pelo Mar, onde o tema é abordado várias vezes – diz aos

pescadores que ao trazer o lixo do mar “estão a proteger o ganha-pão deles”, quer despertá-los para o facto de “ninguém estar a fazer nada por eles e que são os próprios que têm de se defender”.

Se, como diz, “aquilo que não se vê não se sente”, Israel marca o início da actividade de mergulhador, há mais de 20 anos, como um despertar de consciência para a poluição marítima. “Quando começa a ver algumas espécies claramente atingidas por aquilo que fazes em terra, a tua sensibilidade muda”, afirma.

Tag por uma pesca sem lixo

Todas as semanas, depois da aula do curso de nadadores-salvadores, Israel e os formandos dedicam meia hora “só para ir apanhar o lixo às praias” de Matosinhos ou Leça de Palmeira. O grupo de cerca de 23 pessoas apanha “muito rapidamente uns 20 quilos”. Quando participa



“ Por muita boa vontade que as pessoas tenham, chegam a terra e não há condições

António Coentrão
Pescador



INÉS FERNANDES

em limpezas subaquáticas, uma actividade feita de vez em quando pela escola de mergulho de Matosinhos, “tiram-se 500 quilos numa só manhã”. Não faltam histórias deste tipo na vida de Israel. “Houve um dia em que andávamos [a Estação Salva-Vidas] em busca de um desaparecido e encontrámos um rolo de plástico com uns 30 metros”, lamenta.

A lista de objectos achados não acaba. São pneus, tubos, carrinhos de compras, bidões, garrafas, cotonetes, preservativos, latas, sacos de plástico, contentores do lixo e redes-fantasma – uma das principais causas da poluição marítima. Perdidas no mar, arrastadas pelas correntes, embaraçadas em redes de outrem ou presas nos corais e esquecidas pelos pescadores, há “milhares e milhares” de redes-fantasma a matar “desenfreadamente” os peixes.

Além das “perdas económicas” intrínsecas à extinção de uma arte

de pesca, há também um impacto ambiental, que irá ser avaliado ao longo dos próximos dois anos com o projecto NetTag, liderado pelo Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental da Universidade do Porto (CIIMAR), em parceria com uma equipa multidisciplinar que inclui a engenharia robótica do INESC-TEC e da Universidade de Newcastle, a Universidade de Aveiro e Universidade de Santiago, a Associação Pró-Maior Segurança dos Homens no Mar e a Associação de Armadores de Pesca do Porto de Vigo e financiado pelo Executive Agency for Small and Medium sized Enterprises, através do European Maritime and Fisheries Fund.

A ideia central do projecto é desenvolver localizadores acústicos de baixo custo – as chamadas “tags” – que vão estar anexados às redes que seja possível encontrar e retirar

do mar, avaliando também “todas as problemáticas associadas”. A escolha do material de revestimento da tag, a forma como ela será fixada à rede sem esta perder a sua funcionalidade e quantas tags serão necessárias em cada rede são questões que “fazem parte do desenvolvimento do projecto”. Ao telefone com o PÚBLICO, José Festas, presidente da Associação Pró Maior Segurança dos Homens no Mar, avança que estão definidas cerca de 15 embarcações que envolvem, entre outras, a arte do tresmalho, “onde se perdem mais redes”.

“Sabemos que as redes-fantasma têm um impacto ecológico porque são armadilhas para os peixes e outros animais marinhos”, diz, ao telefone com o PÚBLICO, Marisa Almeida, investigadora do CIIMAR. Além disso, muitas delas são “feitas de fibras de plástico que podem libertar microplásticos, que, por sua vez, podem absorver poluentes” e tornam as redes-fantasma um “foco de poluição”, explica. Ao longo do projecto, os investigadores irão tentar estimar em que medida se reduz o impacto ambiental, ecológico e económico ao impedir que a rede se perca.

A ideia surgiu de conversas com os pescadores, que “começam a perceber que o lixo afecta os oceanos e, consequentemente, a própria actividade pesqueira”. A equipa, por isso, terá uma “abordagem participativa”, em que, através de entrevistas e *workshops* com os pescadores, estes “vão falar dos problemas que têm com o lixo, que resíduos pescam, que lixo produzem no dia-a-dia, que tipos de redes usam e quais é que perdem mais”. Haverá ainda acções de sensibilização dadas “de pescadores para pescadores”, em que falarão desses problemas para os “tentar minimizar”.

Ninguém conhece o mar como aqueles que o navegam. Por isso, com uma “voz activa e participativa”, os pescadores vão poder “participar em todos os processos” do projecto. Há, no entanto, uma ideia que junta António, Israel, Filipe, José e Marisa: “O problema dos plásticos, dos oceanos e do lixo é de todas as classes.” Todos temos, portanto, um papel na redução do lixo marinho. **Texto editado por Abel Coentrão**